

Uma Fibula Tipo Transmontano do Povoado de S. Martinho

— Castelo Branco (Beira Baixa)

1 — Localização geográfica e arqueológica do achado

Localizado a 3,5 Km para SE da cidade de Castelo Branco, o monte de S. Martinho situa-se numa zona geológica de predominância quartzítica, constituindo um dos afloramentos com direcção NW-SE da faixa ordovícia de Castelo Branco (1).

Como seria de prever pelas condições geográficas, pela excelente defesa natural que apresenta, como pela imensa vastidão de planície que se observa do seu cume, foi um importante reduto castrejo, onde se verificou ter uma continuidade de povoamento, cujas origens deverão remontar, muito certamente, ao Neolítico (2).



Fig. 1 — Localização da estação, seg. a Carta Militar de Portugal, folha 292 (Castelo Branco), esc.: 1:25 000 (red.).

(1) Carta Geológica de Portugal, Esc. 1:50.000, folha 24 D.

(2) Francisco Tavares Proença Júnior, *Archeologia do Distrito de Castello Branco*, Leiria, 1910.

Posteriormente existem vestígios da ocupação durante as épocas do Bronze e do Ferro, comprovado pela cerâmica de engobe brunido encontrada neste local ⁽³⁾, assim como pelas três estelas recolhidas por Tavares Proença e datáveis do Bronze Final ⁽⁴⁾.

Efectuaram-se ainda achados arqueológicos reveladores da romanização ⁽⁵⁾, alguns dos quais depositamos no Museu de Castelo Branco, conjuntamente com a peça em estudo.

Procuramos hoje dar a conhecer um novo testemunho arqueológico que identificamos neste local, permitindo uma vez mais atestar a importância desta estação no campo da arqueologia regional.

2 — Fibula Transmontana — Tipo SCHULE 4 h

As fíbulas do tipo transmontano comportam na sua fisionomia quatro elementos base: *arco*, *pé eixo*, *mola* e *fusilhão* apresentando assim determinadas particularidades estruturais, que as diferenciam dos restantes tipos de produção peninsular e os quais passamos a descrever.

O *arco* possui, invariavelmente, a forma duma naveta invertida independentemente do seu traçado ser ogival, parabólico ou semicircular.

O *eixo* é constituído por uma peça solta que vai enfiar na cabeça do *arco* e do *fusilhão*, em forma de argola.

De dimensões reduzidas, o *pé*, prolonga-se por um apêndice caudal volumoso.

As decorações, quando as tem, apresentam-se quase sempre no *arco* e no apêndice caudal, por vezes de modo barroco.

2.1 — Descrição da peça

Fíbula incompleta em Bronze, conservando ainda o *arco*, o *pé* e o *descanso*.

O *arco* apresenta-se semicircular, decorado longitudinalmente por um sulco, delimitado por dois traços paralelos e por largas molduras transversais nos extremos.

O *pé* é triangular e ao alargar-se lateralmente forma o *descanso*.

⁽³⁾ João Carlos Pires Caninas, *Cerâmica de engobe brunido de S. Martinho*, in «Preservação», n.º 2, Castelo Branco, s/d.

⁽⁴⁾ Martín Almagro, *Las estelas decoradas del sudoeste Peninsular*, «Biblioteca Prehistórica Hispana», vol. VIII, Madrid, 1966; Mário Varela Gomes e J. Pinho Monteiro, *As estelas decoradas da herdade do Pomar (Ervidel-Beja) — Estudo comparado*, «Setúbal Arqueológica», vol. II-III, Setúbal 1976-77, pp. 281-343.

⁽⁵⁾ José Manuel García, *Contributo para a compreensão das divindades do «Grupo Band» — Uma nova ara*, «Conimbriga», vol. XV, Coimbra, 1976, pp. 147-150; *Epigrafia e Romanização de Castelo Branco*, «Conimbriga», vol. XVIII, Coimbra 1979, pp. 149-167; José Manuel García e Manuel Leitão, *Inscrições romanas do Monte de S. Martinho — Castelo Branco*, «Cadernos de Epigrafia» n.º 6, Castelo Branco 1982.

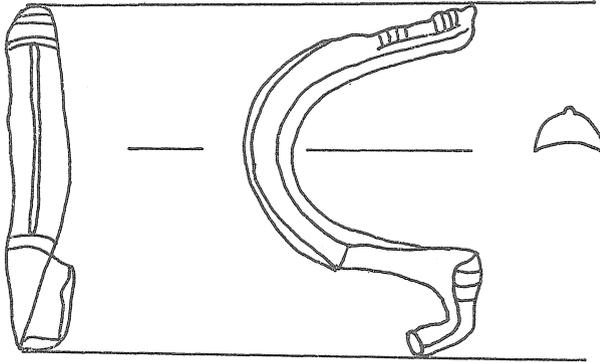


Fig. 2 — Fíbula transmontana, Esc 1:4

2.2 — Centro criador e difusor

Aponta-se este tipo de fíbula como sendo originária de uma área geográfica determinada pela cultura dos *Verracos* ou da sua influência, situando-se territorialmente o seu centro criador nos conventos de *Bracara* e *Lucus*.

Freigeiro ⁽⁶⁾ atribui pois a estes povos o fabrico e divulgação deste tipo de fíbula, alegando que o mesmo coincide com a área das «rudes esculturas animais-cas». Teria pois como centro difusor toda a Galiza, tratando-se contudo de um dado ainda pouco seguro.

É, baseando-se neste aspecto, que Salete da Ponte afirma, ainda que com certas reservas, que «é provável que a produção destas fíbulas estejam relacionadas com a cultura dos *Verracos*» ⁽⁷⁾.

Aponta a mesma autora ⁽⁸⁾ a presença em larga escala destas fíbulas em Galiza (Outeiro de Baltar) e no norte de Portugal (prov. de Trás-os-Montes), encontrando-se ainda espalhadas por toda a parte norte da Península, não ultrapassando contudo o Rio Tejo ⁽⁹⁾.

Dada a presença de um número razoável deste tipo de fíbulas, em Castros Galaico-Portugueses ⁽¹⁰⁾, poderá pois levar-nos a pensar ser aqui o seu centro de criação e difusão. Para suporte desta teoria, convém ainda apontar as relações comerciais e culturais, que na época deveriam ter existido entre a Galiza e o norte de Portugal ⁽¹¹⁾.

⁽⁶⁾ A. Blanco Freijeiro, *Origen y Relaciones de la Orfebrería castreña*, Santiago de Compostela, 12, 1957.

⁽⁷⁾ Salete da Ponte, *Fíbulas Pré-romanas e romanas de Conimbriga*, «Conimbriga», vol. XII, Coimbra 1973, p. 170.

⁽⁸⁾ Salete da Ponte, *Fíbulas de Conimbriga*, p. 170.

⁽⁹⁾ Wilhelm Schüle. *Die Mesetalkulturen der Iberischen Halbinsel*, Madrid 1969; *Las más antiguas fíbulas con pie alto y ballesta*, Madrid 1961.

⁽¹⁰⁾ Salete da Ponte, *A génese das fíbulas do noroeste Peninsular*, «Actas do I Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular», vol. II, Guimarães 1980, p. 115.

⁽¹¹⁾ P. Bosch — Gimpera, *Two Celtic Waves in Spain*, «Paletnologia de la Península Ibérica», Asturia, 1974, p. 721.

Sob o ponto de vista cronológico, vários autores são unânimes em afirmar que este tipo poderá ter sido posterior ao séc. IV a. C..

Observa ainda Schüle (12) que no norte são frequentes em Povoados que demonstraram ter tido uma ocupação no período romano. Também o Povoadado de S. Martinho, local de onde provém a peça aqui em estudo, foi fortemente influenciado pela romanização (13).

MANUEL LEITÃO

Do Centro de Estudos Epigráficos da Peira.
Sócio Efectivo da SPAE

Alusão a louça comprada em Melides em 1712

A olaria constitui uma actividade tradicional da aldeia de Melides (e seus arredores), sede da freguesia do mesmo nome, outrora pertencente ao concelho de Santiago do Cacém e, no presente, ao de Grândola (1). Não obstante ser na região voz corrente que esta indústria nela se encontra desde tempos antigos, tal não foi ainda comprovado documentalmente.

Devemos assinalar que a evolução da produção barrista melidense — de que a elaboração actual e as peças depositadas em colecções, quer públicas, quer privadas, oferecem apenas uma pálida e incompleta imagem — está, na sua quase totalidade, por historiar. A bibliografia local a que se tem acesso é muito reduzida, ascendendo ao último vinténio do século XVIII, em data não distante de 1800, com as parcas referências que fez a seu respeito o primeiro monógrafo de Santiago do Cacém, Padre Frei Bernardo Falcão Murzello, no tomo manuscrito das *Memórias sobre a Antiga Miróbriga* (2), dados que foram reproduzidos praticamente na íntegra por um outro sacerdote investigador da zona, António de Macedo e Silva (3).

No âmbito das pesquisas que efectuamos sobre a cerâmica popular do Baixo Alentejo, temos intentado examinar as diferentes fontes documentais que podem fornecer elementos para o conhecimento do passado do núcleo oleiro de Melides. Entre os registos das instituições e corporações locais e regionais, percorremos os que correspondem às confrarias de carácter religioso e assistencial, como é o caso das

(12) Wilhelm Schüle, *Las más antiguas fibulas...*, p. 150.

(13) Cf. nota 5.

(1) A freguesia de Melides dependeu do concelho de Santiago do Cacém até 24 de Outubro de 1855, data em que passou para o de Grândola. Voltou a ser incorporada em Santiago do Cacém de 22 de Dezembro de 1870 a 26 de Setembro de 1895.

(2) BERNARDO FALCÃO, *Memórias sobre a Antiga Miróbriga*, ms., s./d. (Santiago do Cacém, Biblioteca da Família Arraes Falcão Beja da Costa, s./n.), fl. n. n.

(3) ANTONIO DE MACEDO E SILVA, *Annaes do Municipio de Sanct-Yago de Cassem [...]*, Beja, 1866, p. 130; *ibid.*, 2.ª ed., Lisboa, 1869, p. 70.